

JÚLIO VERNE



Miguel Strogoff

O CORREIO DO CZAR

• Traduzido e recontado por •
RACHEL DE QUEIROZ



JO JOSÉ
OLYMPIO

RIO DE JANEIRO | 2022



Primeira parte





BAILE NO PALÁCIO NOVO

— Sire, mais um telegrama.

— De onde vem?

— De Tomsk.

— Para além de Tomsk o fio está cortado?

— Desde ontem.

— Mande passar um telegrama de hora em hora para Tomsk, general, e me mantenha informado.

— Sim, sire — respondeu o general Kissoff.

Eram duas horas da manhã e havia suntuoso baile no Palácio Novo. As orquestras dos regimentos Preobrajenski e Paulowski tocavam o melhor do seu repertório. Os pares dançantes enchiam os salões do

novo palácio, construído junto à antiga Casa de Pedra, onde, no passado, se haviam desenrolado tantos dramas terríveis.

O baile fora maravilhosamente organizado pelo marechal da corte. As grã-duquesas e as damas de honra, cobertas de diamantes, davam o exemplo de animação às esposas dos altos funcionários civis e militares. E assim, quando soou a polonesa, com todos os convidados participando daquela espécie de dança nacional, a luz dos cem lustres iluminando o esplendor de trajes e joias, o espetáculo apresentava um brilho deslumbrante.

O grande salão, onde se centralizava o baile, era o mais belo do Palácio, cujo clarão de luzes se destacava no meio das ruas sombrias, perto das quais ficava o cais fluvial, onde grandes vultos escuros de barcaças carregadas desciam a corrente.

O responsável pela festa e seu principal personagem, aquele a quem o general Kissoff dera o título de “sire”, vestia o singelo uniforme dos caçadores da guarda. Sua simplicidade contrastava com as fardas cintilantes dos militares presentes. Era homem alto, calmo, embora procurasse esconder uma grande preocupação, enquanto fazia as honras do baile, andando de grupo em grupo. Dois ou três políticos, entretanto, tinham percebido a preocupação do

anfitrião, mas como o ilustre personagem parecia querer guardar para si os seus problemas, pessoa alguma pensaria em interpellá-lo.

O general Kissoff entregara ao homem fardado de caçador da guarda o telegrama de Tomsk e esperava respeitosamente ordem para retirar-se; mas a preocupação do ilustre personagem pareceu aumentar depois da leitura do telegrama. Chegara a levar a mão aos copos da espada e, por fim, conduziu o general para o vão de uma janela:

— Então, desde ontem estamos de comunicações cortadas com o grão-duque meu irmão?

— Sim, sire, e é de temer que em breve os telegramas já não atravessem a fronteira siberiana.

— Mas as tropas da província de Amur, de Iacutusque e da Transbaikalia não receberam ordem de marchar sobre Irkutsk?

— A ordem foi dada no último telegrama que conseguiu passar além do lago Baikal.

— Mas, apesar da invasão, continuamos ligados com os governos de Ienisseisque, Omsk, Semipalatinsk e Tobolsk?

— Sim, sire. Os tártaros ainda não passaram o Irtixe e o Obi.

— Há alguma notícia do traidor Ivan Ogareff?

— Nenhuma.

— Telegrafem os sinais de Ogareff a todas as cidades importantes, de Níjni Novgorod a Tomsk, a todos os lugares aonde ainda cheguem telegramas!

— As ordens de vossa majestade serão cumpridas imediatamente.

— E guardem silêncio sobre o assunto.

O general inclinou-se numa respeitosa reverência, desaparecendo depois discretamente, enquanto o anfitrião retornava ao salão de baile, onde ninguém lhe percebeu a preocupação.

Contudo, os fatos graves que tinham sido objeto da conversa entre o czar e o general não eram tão ignorados quanto pensavam ambos, e embora neles não se falasse abertamente, por receio da censura, algumas figuras importantes já sabiam do que estava acontecendo para além da fronteira com a Sibéria. Entretanto, esse grave assunto, que nem os membros do corpo diplomático ousavam comentar, era discutido em voz baixa por dois convidados que não ostentavam qualquer condecoração, mas pareciam muitíssimo bem informados, embora ninguém soubesse como haviam se inteirado das notícias, possivelmente apenas guiados pelo faro profissional.

Um era inglês, o outro, francês, ambos altos e magros. Um, moreno do Mediterrâneo, o outro, louro

do mar do Norte. Um, fleumático, de fala lenta, quase sem gestos; o outro, loquaz, petulante, cheio de movimentos de rosto, braços, mãos, corpo. O francês era todo olhos, o inglês, todo ouvidos. Um tinha uma vista excelente e uma extraordinária memória visual. O outro se especializara na escuta e tinha uma rara memória auditiva, qualidades que lhes serviam excelentemente no ofício. O inglês era correspondente do *Daily Telegraph* e o francês correspondente do... Bem, o nome do jornal ele não dizia, contando em tom de brincadeira que se correspondia com sua “prima Madalena” e apesar de tão expansivo e extrovertido talvez na realidade fosse até mais discreto do que o calado inglês. Ambos adoravam a profissão e arriscavam tudo, inclusive a vida, para obter um furo de reportagem, recebendo de seus jornais dinheiro suficiente para o uso dos melhores meios de transporte e informação, em busca da chamada “grande reportagem política e militar”.

O correspondente francês chamava-se Alcide Jolivet e o inglês, Harry Blount. Tinham vindo cobrir a festa do Palácio Novo, e, embora o espírito de competição os devesse separar, o interesse comum pela notícia os reunia, pois ambos farejavam naquela noite algum mistério no ar:

— Mesmo que não passe de uma revoada de boatos — dizia Jolivet para si mesmo —, merece um tiro de espingarda!

Os dois se haviam reunido logo depois da saída do general Kissoff e se tateavam.

— Festinha simpática — dizia o francês.

— Já telegrafei: “Esplêndida!” — respondeu o inglês.

— E, apesar disso, achei que deveria fazer notar à minha prima...

— Sua prima? — indagou surpreso Harry Blount.

— Sim, minha prima Madalena... É com ela que me correspondo! Minha prima adora viver bem informada! Fiz-lhe notar que, nesta festa, há uma espécie de nuvem sombreando o rosto do monarca.

— Pois achei-o muito alegre — disse fingidamente o inglês.

— E então mandou-o alegrar as colunas do *Daily Telegraph*!

— Isso mesmo.

— Lembra-se, Mr. Blount — falou Jolivet —, do que aconteceu em Zakrit em 1812?

— Lembro-me como se fosse testemunha ocular — respondeu o inglês.

— Então recorda que, durante uma festa em sua honra, o imperador Alexandre, depois de informado de que

Napoleão atravessara o Niêmen com a vanguarda francesa, continuou na festa e nada deixou transparecer, apesar da gravidade da notícia que poderia lhe custar o trono.

— E o mesmo faz o dono desta festa, ao saber pelo general Kissoff que os fios do telégrafo foram cortados entre a fronteira e o governo de Irkutsk.

— Ah, sabe disso?

— Sei.

— Eu também, pois meu último telegrama chegou até Udinsk — disse Jolivet satisfeito.

— O meu só alcançou Krasnoyarsk — respondeu o inglês, igualmente satisfeito.

— Então sabe também das ordens do czar para as tropas de Nicolaevsky?

— Sim, e que mandaram os cossacos de Tobolsk se concentrarem.

— Isso mesmo! E espero que amanhã minha prima já saiba disso!

— O mesmo digo eu dos leitores do *Daily Telegraph*, Mr. Jolivet.

— Seria interessante acompanhar essa campanha, Mr. Blount.

— Pretendo acompanhá-la.

— Então talvez nos encontraremos em terreno menos firme que o piso deste salão, embora não tão

escorregadio! — disse o francês, amparando o colega que escorregara ao recuar.

Separaram-se os dois jornalistas, satisfeitos porque nenhum deles parecia mais bem informado que o colega.

Abriram-se então as portas do magnífico bufê, e os convidados se encaminharam para as mesas. O general Kissoff, que voltara nesse momento, aproximou-se do homem fardado de oficial da guarda, que indagou, rápido:

— Então?

— Os telegramas já não vão além de Tomsk, sire.

— Então me mandem um correio, já!

O oficial em uniforme de caçador da guarda deixou o salão e entrou no seu gabinete de trabalho que lhe ficava contíguo. Abriu rapidamente a janela, como se estivesse sufocado, e ficou a respirar o ar puro da bela noite de julho, contemplando a grande cidade cheia de torres e minaretes, cujo variado e colorido casario se estendia até as margens do rio. O rio e a cidade chamavam-se Moscou, e o oficial fardado de caçador da guarda era o czar.



RUSSOS E TÁRTAROS

Muito graves deviam ser os acontecimentos que se desenrolavam além da fronteira do Ural para que o czar se retirasse tão repentinamente da festa. E o eram realmente, pois uma temível invasão ameaçava as províncias siberianas.

A Sibéria, uma vasta região, que vai dos montes Urais ao Pacífico, limita-se ao sul com o Turquistão e o Império Chinês e, ao norte, com o oceano Glacial Ártico. Divide-se em governos ou províncias — Tobolsk, Ienissei, Irkutsk, Omsk e Iacutusque — e inclui o Ocotsque, o Canchatca, a terra dos quirguizes e a dos chutchis.

Local de deportação para criminosos comuns e exilados políticos, possui dois governadores-gerais, representantes do czar, um residente em Irkutsk, capital da Sibéria Oriental, o outro em Tobolsk, capital da Sibéria Ocidental. Nenhuma estrada de ferro corta suas ricas planícies, sendo as viagens realizadas em *tarentass* ou telega, durante o verão, e, de trenó, no inverno.

Apenas o telégrafo liga as cidades siberianas entre si e a Sibéria à Rússia europeia, e por isso o czar, ao ter notícia de que o fio telegráfico fora cortado, pedira imediatamente um correio.

O czar encontrava-se em seu gabinete quando appareceu o chefe de polícia.

— Entre e diga tudo o que sabe a respeito de Ivan Ogareff — ordenou o monarca.

— É um homem perigosíssimo, sire.

— Tinha o posto de coronel?

— Sim, sire.

— Era um official intelligente?

— Inteligentíssimo, de uma ambição desenfreada. Meteu-se logo em intrigas, perdeu o posto, por ordem de sua alteza o grão-duque, e foi exilado para a Sibéria.

— Quando?

— Há dois anos. Foi, porém, indultado por vossa majestade e retornou à Rússia. Logo depois voltou à Sibéria, então voluntariamente.

— Depois disso, ainda retornou à Rússia? A polícia lhe perdeu a pista?

— Não, sire. Um condenado só se torna mesmo perigoso depois que é indultado. Sabíamos que ele estava em Perm. Parecia inocentemente desocupado. Por isso não era vigiado mais estreitamente. Deixou Perm em março...

— E foi para onde?

— Não se sabe, e também se ignora o que anda fazendo.

— Pois eu sei — retrucou o czar. — Tive avisos anônimos que, pelo exposto, devem ser exatos.

— Vossa majestade quer dizer que Ivan Ogareff está envolvido na invasão tártara?

— Sim, general. Saiba que Ivan Ogareff atravessou os Urais e entrou na Sibéria, onde tentou levantar os quirguizes nômades. Desceu para o Turquistão, ao sul, e conseguiu o apoio de chefes rebeldes, dispostos a lançar as hordas tártaras contra a Rússia asiática. A conspiração foi secreta, mas rebentou agora, e em consequência estão cortados os meios de comunicação entre a Sibéria Oriental e a Ocidental. E, além

do mais, Ivan Ogareff quer vingar-se na pessoa de meu irmão!

O chefe de polícia, depois de uma pausa, perguntou ao agitado czar:

— Vossa majestade ordenou que repelissem a invasão?

— Claro.

O imperador fez então ao general uma exposição dos movimentos de tropas que ordenara, acrescentando, no entanto, que seriam necessárias algumas semanas para que elas pudessem alcançar as colunas tártaras!

— E sua alteza o grão-duque, em Irkutsk, apesar de estar agora sem comunicação com Moscou, deve ter recebido os últimos telegramas e já sabe de onde esperar socorro.

— Sabe, sim, mas ignora que Ivan Ogareff, além de rebelde, é traidor e seu inimigo pessoal. Embora o tenha punido, o grão-duque não o conhece pessoalmente, e Ogareff, que sob um nome falso pretende ir a Irkutsk oferecer seus serviços a meu irmão, poderá entregar a cidade e o grão-duque aos rebeldes. Por isso desejo que meu irmão seja o mais breve possível informado do plano do traidor.

— Só um correio, majestade, um homem inteligente e corajoso...

— Já o espero.

— ...e que tenha cuidado, sire, porque as províncias siberianas são muito propícias a rebeliões!

— Quer dizer que os siberianos são capazes de se juntarem aos invasores? — perguntou o czar, exaltado. — Pensei que os exilados fossem mais patriotas.

— Mas há outros condenados na Sibéria, majestade. Os criminosos comuns.

— Esses, talvez! Mas essa invasão não é contra o imperador, é contra a Rússia. E não creio que russo nenhum se alie a um tártaro para enfraquecer o poder moscovita!

O czar tinha razão em confiar no patriotismo dos exilados. Era de recear, porém, que grande parte da população quirguiz se aliasse aos invasores.

Os quirguizes se dividiam em três hordas, com quatrocentas mil tendas e dois milhões de almas; suas tribos, algumas das quais eram independentes, reconheciam ora a soberania da Rússia, ora a de diversos cãs tártaros. Um levante dessas populações significaria desde logo a separação da Sibéria, a leste do Ienissei, mesmo considerando a falta de experiência de guerra dos quirguizes, mais salteadores que soldados. Um quadrado de infantaria russa e um único canhão poderiam destruí-los em massa, o problema era levá-los

até a região, pois, com a lama que havia agora nas estradas, semanas se passariam antes que as tropas russas pudessem alcançar as hordas tártaras.

Omsk, centro militar da Sibéria, tinha a responsabilidade de manter em paz as populações quirguizes e estaria seriamente ameaçada se os vários grandes sultões nativos resolvessem aceitar, voluntária ou involuntariamente, o domínio dos tártaros, que, também muçulmanos, tentavam de há muito, por todos os meios, tomar os quirguizes ao domínio moscovita.

Esses tártaros, de raça caucásica, tinham em Bucara seu grupo mais importante. A Rússia já os combatera várias vezes, e o chefe atual, Feofar Khan, seguia a mesma política dos seus antecessores. O canato de Bucara, protegido por altas montanhas, com dois milhões e meio de almas e um exército de sessenta mil homens, triplicado em tempo de guerra, era um inimigo temível, e a Rússia via-se forçada a lhe opor forças importantes.

Governava essa parte da Tartária o ambicioso e feroz emir Feofar Khan, que, aliado aos demais cãs e contando com a valiosa colaboração de Ivan Ogareff, iniciara a invasão da Sibéria, que repelira as poucas tropas de cossacos do czar e avançara a ferro e fogo para além do lago Baikal, arrastando consigo os quirguizes, como um moderno Gengis Khan.

Com o corte do telégrafo, era impossível conhecer a posição exata das tropas do emir e prevenir o grão-duque da ameaça que pairava sobre a sua vida. Somente um correio poderia substituir o telégrafo, mas necessitaria não apenas de tempo para percorrer as 5.200 verstas (5.500 km) que separam Moscou de Irkutsk como de inteligência e coragem incomuns para atravessar as linhas tártaras.

Será que conseguirei um homem assim? — perguntava a si mesmo o czar.